

LIBELLUS II: UM DISCURSO DE HERMES TRIMEGISTUS A ASCLEPIUS

Hermes: Não é verdade que tudo que é movido, Asclepius, é movido em algo, e por algo?

Asclepius: Certamente.

Hermes: E que aquilo no qual a coisa é movida, necessariamente é maior do que a coisa movida?

Asclepius: Sim.

Hermes: E que aquilo no qual a coisa é movida deve ser de natureza oposta à da coisa movida?

Asclepius: Certamente que deve.

Hermes: agora esse Kosmos é grande; não existe nenhum corpo maior do que o Kosmos.

Asclepius: Concordo.

Hermes: E é maciço; porque está preenchido por muitos outros corpos, ou melhor, por todos os corpos que existem.

Asclepius: É assim.

Hermes: E o Kosmos é um corpo, não?

Asclepius: Sim.

Hermes: E uma coisa que pode ser movida?

Asclepius: Certamente.

Hermes: E de que magnitude deve então ser o espaço dentro do qual o Kosmos pode ser movido? E de que natureza? Esse espaço não deveria ser muito maior, que pudesse ser capaz de conter o movimento contínuo do Kosmos e que a coisa que é movida não seja tolhida por falta de espaço, parando assim de se mover?

Asclepius: Realmente, esse espaço deve ser assim, Trimegistus.

Hermes: E qual seria a sua natureza, Asclepius? Não deveria esta ser oposta à do Kosmos? E a natureza oposta da de um corpo é o incorpóreo.

Asclepius: Concordo.

Hermes: Então aquele espaço é incorpóreo. Agora, aquilo que é incorpóreo, ou é algo que pertence a Deus ou é o próprio Deus. (Pela frase, 'uma coisa que pertença a Deus', quero dizer, não algo que veio a existir, mas algo sem um começo.) Se então a coisa

incorpórea é algo que pertence a Deus, é da natureza da substância eterna; se é o próprio Deus, deve ser distinta da substância e, portanto distinta dos objetos sobre os quais podemos pensar. Deve ser verdadeiro que Deus é, num certo sentido, um objeto de pensamento, porque ele não é um objeto capaz de ser aquilatado pela percepção dos sentidos, mas o Espaço é um objeto de pensamento num sentido diferente do de Deus; porque Deus é um objeto de pensamento primariamente a si próprio, mas o Espaço é um objeto de pensamento para nós, não a si próprio. Aquilo que é um objeto de pensamento, assim lhe parece, para aquele que o contempla ao pensar; portanto o Espaço é um objeto de pensamento, não para si mesmo (porque não é contemplado por si mesmo), mas para nós. E se o Espaço é um objeto de pensamento, não como Deus, mas como o resultado de um poder pelo qual as coisas estão contidas, então o Espaço é algo diferente de Deus. Mais, tudo que é movido, move-se em algo que em si mesmo não é movido, mas em algo que permanece. E também aquele que move deve permanecer; é impossível que aquilo que mova alguma coisa seja movido junto com a coisa que move.

Asclepius: Como é, então, Trimegistus, que as coisas que em nosso mundo que movem outras coisas, movem-se juntamente com aquelas que elas movem? Porque eu ouvi você dizer que as esferas planetárias são movidas pela esfera das estrelas fixas; (e certamente aquela esfera por sua vez também é movida).

Hermes: Nessa instância, Asclepius, as duas coisas não são movidas juntamente. Seus movimentos são contrários; porque a esfera das estrelas fixas não é movida na mesma maneira que as esferas planetárias, mas na direção oposta. E a contrariedade dos movimentos mantém o fulcro estacionário; porque o movimento é retardado pela resistência. As esferas planetárias então, são movidas na direção oposta da esfera das estrelas fixas. Não pode ser de outra maneira. Olhe para a Grande e Pequena Ursa. Como pode ver, elas não se erguem nem se põem, você pensa que são movidas ou estão estacionárias?

Asclepius: Elas são movidas, Trimegistus.

Hermes: E de que tipo é o seu movimento?

Asclepius: É um movimento que circula ao redor de um ponto.

Hermes: Sim, e sua revolução ao redor de um ponto é um movimento que é mantida pela imobilidade. Porque a revolução ao redor de um ponto impede com que haja uma fuga da órbita; e a prevenção dessa fuga da órbita resulta na revolução ao redor de um ponto. E mesmo assim, o movimento na direção contrária é constante e estável, sendo mantido estacionário pela contrariedade. Irei lhe dar um exemplo que pode constatar com seus próprios olhos. Tome o exemplo de algum animal na terra, um homem nadando. A água flui, mas a resistência feita pelas mãos e pés do nadador o mantém estacionário, de forma que ele não é arrastado pela correnteza.

Asclepius: Este exemplo torna as coisas claras, Trimegistus.

Hermes: Então todo o movimento acontece no interior de algo que está estacionário, e é causado por algo que permanece parado.... O movimento do Kosmos então, e de todo ser vivente que é material, é causado não por coisas situadas por fora do corpo, mas

pelas coisas dentro dele, que operam de dentro para fora, o que quer dizer, seja pela alma ou por algo que é incorpóreo. Isto porque o corpo que contém uma alma não é movido por um corpo, realmente, corpo não pode mover corpo, mesmo que o corpo movimentado não tenha alma.

Asclepius: O que está querendo dizer, Trimegistus? Quando toras de madeira e pedras e outras coisas sem alma são movidas, não são movimentadas por corpos?

Hermes: Certamente que não, Asclepius. Aquilo que está no interior do corpo, e aquilo que move a coisa sem alma não é um corpo; e é isso que move tanto o corpo daquele que carrega uma coisa e o corpo da coisa que está sendo carregada; porque uma coisa sem alma não pode, por si própria, mover algo. Assim é que você vê a alma atormentada pelo peso de sua tarefa, quando tem de carregar dois corpos ao mesmo tempo. Agora lhe expliquei pelo que as coisas são movidas, assim como o que é aquilo dentro do que as coisas são movidas. -

Asclepius: Mas certamente, Trimegistus, deve ser no vazio que as coisas são movimentadas.

Hermes: Você não deve dizer isso, Asclepius. Nada que é, é vazio; é apenas aquilo que não é, que é vazio. Aquilo que existe nunca poderá ser vazio; (isso está implícito no próprio significado da palavra 'existência') e aquilo que não é não poderia ser algo que é, se não estivesse preenchido de algo existente.

Asclepius: Mas como então você descreveria, Trimegistus, uma jarra vazia, ou pote, ou um almofariz, ou canal, ou algo assim? Estas coisas não estão vazias?

Hermes: Como está errado, Asclepius! Você imagina que essas coisas estão vazias. A verdade é que, pelo contrário, estão completamente cheias.

Asclepius: O que está querendo dizer, Trimegistus?

Hermes: O ar não é um corpo?

Asclepius: Sim.

Hermes: E este corpo não permeia todas as coisas que existem, e as preenche por intermédio de sua própria permeação? E os corpos não são feitos de uma mistura dos quatro elementos? E todas as coisas que você diz estarem vazias, estão preenchidas pelo ar; e se com o ar, então estão preenchidas pelos quatro elementos. Assim somos conduzidos a uma conclusão que é oposta aquilo que você disse; temos de dizer que todas aquelas coisas que você diz estarem cheias, estão esvaziadas de ar; porque a presença de outros corpos nelas não deixa nenhum espaço a ser ocupado, e assim elas não tem nenhum espaço para admitir o ar. Daí as coisas que você chama de vazias, devem ser chamadas de ocas mas não vazias; porque estão cheias de algo que existe.

Asclepius: Não há contradição nisso, Trimegistus.